

O QUE É, DE FATO, O POLITICAMENTE CORRETO NA FILOSOFIA?

*Jean Brás Guerra**

Resumo

Na sociedade contemporânea, o termo “politicamente correto” que inicialmente tinha um significado literal, passou a ganhar uma nova conotação provinda de uma ideologia de esquerda a partir da União Soviética, e em seguida passou a ser fundamentada e teorizada pela escola de Frankfurt com os seus adeptos. Em contrapartida, surgiu o “politicamente incorreto” como tentativa da direita de ir contra a primeira corrente, passando a ganhar também grande força em debates políticos. Porém, em um sentido teórico-filosófico estes termos possuem um sentido correto da forma que é exposta hoje? Como na história da filosofia foi abordado o termo “política”, e, portanto, o que é de fato uma teoria politicamente correta? O presente trabalho tem como objetivo uma breve análise do surgimento dos tais termos com suas respectivas ideologias, para em seguida apontar filosoficamente, o que de fato vem a ser em toda a história do pensamento, uma perspectiva politicamente correta.

Palavras-chave: Politicamente correto. Teórico-filosófico. Ideologia.

Introdução

Em toda a história da filosofia foi tornando-se cada vez mais evidente que o homem enquanto tal, é capaz de situar-se no mundo e dar sentido a ele.¹ Também é um grande fato antropológico que o homem não vive isolado e solitário, mas é um ser de relação.² De tal forma, a política desde o início do percurso filosófico é vista como um meio por excelência, onde torna-se possível dar sentido não apenas ao mundo de forma exterior, mas também a si mesmo enquanto homem.

Por isso, em um mundo amplamente globalizado e tão rico de pensamentos, não é tão simples discorrer acerca de política; e mais do que

* Graduando do curso de Filosofia da Faculdade Católica de Fortaleza na disciplina de Ética II, 2018.1, orientado pelo Prof. Dr. Pe. Marcos Mendes.

¹ PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser**: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática; tradução: Nélio Shneider – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. p. 402.

² REALE, Giovanni. **Aristóteles**. História da Filosofia Grega e Romana Vol IV. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 124.

nunca, torna-se necessário resgatar valores basais que constantemente são ameaçados de extinção. Um deles é o termo verdadeiro-filosófico de politicamente correto.

O tal termo surgido no século XVIII, foi totalmente deformado no século passado por meio de uma ideologia de esquerda. Em contrapartida, o pensamento de direita assume o termo contrário (politicamente incorreto) em vista de, no fundo, afirmar-se como certo. Mas, enfim, o que, de fato, é o politicamente correto no pensamento filosófico? É o que vai sendo exposto pelas massas, ou possui um valor que precisa ser desvelado?

O presente artigo pretende retomar o pensamento filosófico em toda a sua história, para mostrar de forma coerente e conceitual, o que, de fato, corresponde ou designa a tal proposição.

1 Conotação do termo politicamente correto na atualidade

O termo apresentado passou na história da sociedade por diversas conotações, surgindo primeiramente para apresentar o seu sentido literal, isto é, um pensamento político factualmente correto. O termo desta forma, segundo estudiosos, foi apresentado primeiramente no ano de 1793, em uma decisão da Suprema Corte Americana.³ A partir de então o termo começou a ser utilizado sem apresentar qualquer tipo de posse partidária, representando um pensamento político que, de fato, convém com valores de justiça e estão totalmente ligados aos reais intuitos da política desde a sua concepção. Em outras palavras, o termo possuía o seu caráter pleno e verdadeiro.

Este caráter autêntico prevaleceu até meados do século XX, quando começou a ganhar uma nova conotação dentro da ideologia de esquerda, onde segundo alguns, surgiu com tal sentido na URSS para designar como politicamente correto, aquilo que era imposto pelos soviéticos que diziam estar acima da própria realidade.⁴

Segundo Angelo M. Codevilla que é professor emérito de relações internacionais da Universidade de Boston, o conceito é explicado como uma

³ BANDEIRA, Luiza. **De onde vem o 'politicamente correto' e como o termo assume diferentes conotações**, 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/14/De-onde-vem-o-%E2%80%99politicamente-correto%E2%80%99-e-como-o-termo-assume-diferentes-conota%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 12/04/2018.

⁴ *Ibidem*.

piada. “Um comunista diz ao outro: ‘Companheiro, sua afirmação está factualmente incorreta’. Ao que o homem que falava responde: ‘Mas está politicamente correta’.”⁵ Em seguida, o termo assumido pela esquerda passou a ser desenvolvido e aprofundado, tornando-se slogan de uma política dogmática, onde sendo “politicamente correta”, é aquilo que deve ser colocado em vigor a todo o custo.

Os que inicialmente trabalharam, embasaram e fundamentaram a ideologia do politicamente correto, foi a Escola de Frankfurt, encabeçada por Max Horkheimer e, tendo como assíduos participantes Jurgen Habermas, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Erich Fromm, e outros. Estes filósofos percebiam que para implantar o marxismo de uma forma nova na sociedade, precisariam agir de uma forma tal que alcançassem a cultura. Por isso, o intitulado neomarxismo, pode ser também colocado como Marxismo Cultural.⁶

Enquanto Marx, na tentativa de alcançar o socialismo, tinha como objetivo o proletariado, os neomarxistas buscavam os “desfavorecidos” e “excluídos” da sociedade contemporânea, como gays, negros e mulheres, tentando impor tal ideologia por meio da arte, da mídia, da política e da educação.

O efeito não foi demorado, o “politicamente correto” logo chegou nas universidades americanas influenciando a cultura. Marcuse conseguiu influenciar diretamente na Revolução Sexual ocorrida entre 1960 e 1970, e ganhou rapidamente grande força em todo o Ocidente com o slogan de uma “liberação sexual”, consistida pela aceitação das relações sexuais fora do matrimônio, fora das relações heterossexuais, a permissão do aborto e uso de contraceptivos, e o grande desenvolvimento do pensamento feminista que evidentemente gerou grandes consequências na cultura da atualidade.

⁵ *Ibidem*.

⁶ GRASS, Cláudio. **A escola de Frankfurt, o marxismo cultural e o politicamente correto como ferramenta de controle**, 2016. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2401>. Acesso em: 12/04/2018.

2 Surgimento da ideologia do “Politicamente Incorreto”

O “politicamente correto” começou a ganhar força primeiramente nos EUA, e em seguida foi passada para toda a sociedade. Paralelamente os adeptos da política de direita também começaram a se levantar, desfavoráveis ao modelo que começava a ser imposto à sociedade. Se estes não se enquadrariam no “politicamente correto”, então eles seriam “politicamente *incorretos*”.

Diante de um intuito da esquerda de dentro do seu projeto, colocar um maior respeito aos desfavorecidos alimentando uma cultura contra o *bulliyng*, o racismo, a homofobia e outras correntes que agridem tais classes sociais, os direitistas passaram a enquadrá-los ironicamente em uma cultura do “coitadismo”⁷ a fim de continuarem com o humor e expressividade que antes existiam nestes âmbitos. Fora que também o politicamente incorreto se tornou útil para espalhar mais as suas ideias, como o capitalismo, a política de armamento (combatendo a violência com mais violência, que é um dos slogans do pré-candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro), e outros.

Segundo Felipe Pondé, um dos filósofos que tentam expandir a ideologia do politicamente incorreto, o pensamento contrário (o correto) expandiu-se nos Estados Unidos com o episódio do General Patton, que após uma dura batalha na Itália e depois de ter percebido os vários feridos por conta da guerra, emociona-se e reconhece o valor dos combatentes. Porém, o mesmo não acontece ao perceber um outro soldado que não estava ferido, porém, estava estarecido diante da situação de guerra.

Agora vejamos. Na mesma cena. Ao sair da enfermaria, Patton vê um soldado sentado sem nenhum ferimento aparente. Pergunta a ele o que se passou. O soldado, com a voz estremeçada, responde que o problema eram “seus nervos”. Patton fica estarecido. Grita com o soldado, esbofeteia-o, ameaça puxar o revólver do gatilho e manda que o tirem dali porque ali “é um lugar de honra”, e ele não queria ver seus homens corajosos feridos maculados pela presença, ele usa esta expressão, “de um covarde”.

Na sequência, o filme narra a “queda” de Patton, ainda que ele volte a comandar um exército americano após o dia D, mas sem qualquer grande reconhecimento. E, para a sua maior humilhação, ele passará a ser comandado por um colega que sempre fora seu segundo oficial.

⁷ DireitaRealista. **Luiz Felipe Pondé – Debate sobre O Politicamente Correto.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nnlgN148sFA>. Acesso em: 12/04/2018.

A queda de Patton se dá por conta do barulho que a mídia faz acerca dos “maus-tratos” que ele demonstrara ao soldado covarde (assumo aqui, claro, o ponto de vista de Patton).⁸

Para o politicamente incorreto, portanto, não importa se o soldado demonstrando a sua humanidade, estava perplexo depois de tanto ter lutado e ter visto os seus companheiros morrerem ou estarem totalmente feridos. Também não é importante o psicológico e os traumas que tantos vivem nas guerras (apesar de nos tempos hodiernos a psicologia tornar isto muito mais evidente) e o próprio soldado poderia também estar passando por isso. O que importa é que o soldado era um “covarde” e o general Patton foi uma pobre vítima do politicamente correto.

O pensamento abordado neste tópico, também evidencia o pensamento aristocrata em que existem indivíduos que são ontologicamente superiores e melhores, e os superiores “sofrem” por ter de carregar a humanidade nas costas.⁹

Em resumo, diante da grande expansão do pensamento da esquerda, começa a ganhar força também aqueles que lutam contra tal ideologia, mas “vestindo a capa” do seu oposto, que é a direita, e que obviamente, no fundo tenta mostrar-se como politicamente correta em seu real sentido que será explanado a seguir.

3 Politicamente correto em seu sentido literal e verdadeiro, dentro do pensamento filosófico

Antes de adentrar com profundidade no politicamente correto em seu sentido literal, e por isso, real e verdadeiro, é necessária a compreensão de dois conceitos bases para a elaboração desta formulação teórica-filosófica. Estes conceitos são o da *verdade como correspondência ou adequação* em Tomás de Aquino, e a *teoria linguística da designação* realizada pelos filósofos da linguagem contemporânea.

⁸ PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia politicamente incorreto da Filosofia**. São Paulo: Leya casa da palavra, 2012. p. 26.

⁹ *Ibidem*. p. 29.

Primeiramente, o Doutor Angélico afirma a verdade como correspondência entre o intelecto e a realidade¹⁰, ou seja, é necessário que aquilo que é assumido como verdade na razão, seja compatível com algo na empiria. Sem este princípio qualquer formulação ou teoria torna-se sem fundamento.

Os filósofos da linguagem elaboraram um outro pensamento útil para o presente trabalho, que é a tese da identidade. Segundo tais pensadores, todas as proposições formuladas em nossa linguagem, sendo elas verdadeiras, são idênticas a um fato no mundo.¹¹ Ou seja, todos os conceitos elaborados em minha teoria, precisam designar algo na realidade. Isto também não foge ao campo ético-moral, pois segundo Puntel, as proposições éticas também possuem um valor ontológico, sendo estes de segunda ordem.¹²

Assumindo as duas teses apresentadas, passamos então para a reflexão chave do presente artigo: o que a conotação atual assumida de “politicamente correto” corresponde com a realidade? O fato que este termo designa no mundo, é realmente verdadeiro segundo aquilo que o seu sentido literal apresenta? Ou o politicamente correto seria, na verdade, correspondente ao “incorreto”? Filosoficamente, o que seria de fato, o politicamente correto? É isto que tentará ser proposto a seguir.

No início da filosofia, os primeiros que deixaram de lado o âmbito da *physis*, e voltaram a sua reflexão para aquilo que é próprio do homem, foram Sócrates e os Sofistas, afinal, era preciso que fosse debatida acerca da forma como os indivíduos poderiam viver na *pólis*. Por isso o termo política foi primeiramente utilizado no mundo grego, onde teorizava e organizava a forma na qual os indivíduos poderiam viver e intervir na cidade, sendo melhor formulado em Platão e Aristóteles.

É interessante na filosofia aristotélica, que o pensador conseguiu formular grandes teorias filosóficas, e designou uma parte dela como “*filosofia primeira*” (metafísica), que era denominada como a superior. Segundo o estagirita, “todas as outras ciências serão mais necessárias aos homens,

¹⁰ AQUINO, 2001, p. 361 - **Suma teológica**, Parte I – Questão 16.

¹¹ PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser**: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática; tradução: Nélio Shneider – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. p. 308-312.

¹² *Ibidem*. p. 402-405.

porém, superiores a esta, nenhuma”¹³. Porém, mesmo diante destas grandiosas teorizações da filosofia primeira, é na política que o homem é capaz de iluminado por elas, conduzir bem o andamento da *polis* e realizar-se como *zoon politikón*.

Para Aristóteles, o homem apenas pode realizar-se no campo prático na política, pois é próprio dele viver em uma comunidade; o homem é, portanto, um ser político. Platão já afirmava também o homem como único ser capaz de intervir na *pólis*, característica própria do ser racional. Portanto, de certa forma, a política no pensamento platônico, já se mostrava como pleno uso da essência humana.

Mesmo na modernidade e contemporaneidade, muitos outros filósofos foram apresentando o homem como um ser espiritual, capaz de transformar e dar sentido ao mundo. Quando percebemos a origem grega do termo política (que não é deixada de lado, neste sentido), percebemos que esta transformação do mundo não se dá apenas em um campo material, mas também (e até principalmente) no ético e político.

Unida a toda esta característica, na filosofia antiga a ética (e moral) era *teleológica*, isto é, possuía uma finalidade que era o bem, e a felicidade (*eudaimonia*). Por isso, o homem apenas era pleno quando buscava este bem, por meio da *areté*, ou virtude. Entretanto, qual é a finalidade da política? Desde tal período, este fim (*télos*) não é outro senão o Bem Comum. Não basta, portanto, fazer política, mas é preciso fazê-la de forma correta, isto é, voltada para o Bem; no campo social não basta viver de qualquer forma, mas é preciso viver de forma virtuosa, voltado para o bem que no campo político é o Bem Comum.

No pensamento aristotélico, o bem da comunidade é tão primário, que a própria ética, no sentido grego de uma moral do indivíduo, precisava também estar submetida à política que tinha como finalidade o bem comum.¹⁴ É assim que surge a primazia da cidade, ante o indivíduo.

¹³ ARISTÓTELES, **Metafísica** A 2, 983 a 10s. Editora Edipro, 2012.

¹⁴ REALE, Giovanni. **Aristóteles**. História da Filosofia Grega e Romana Vol IV. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 97.

Na ordem da natureza, o Estado se coloca antes da família e antes de cada indivíduo, pois que o todo deve, forçosamente, ser colocado antes da parte. Erguei o todo; dele não ficará mais nem pé nem mão, a não ser no nome, como se poderá dizer, por exemplo, uma mão separada do corpo não mais será mão além do nome. Todas as coisas se definem pelas suas funções; e desde o momento em que elas percam os seus característicos, já não se poderá dizer que sejam as mesmas; apenas ficam compreendidas sob a mesma denominação. Evidentemente o Estado está na ordem da natureza e antes do indivíduo; porque, se cada indivíduo isolado não se basta a si mesmo, assim também se dará com as partes em relação ao todo. Ora, aquele que não pode viver em sociedade, ou que de nada precisa por bastar-se a si próprio, não faz parte do Estado; é um broto ou um deus.¹⁵

Isto era tão evidente para o mundo grego, que todo o poder que tendia a ao bem individualista era tido como antinatural. Assim Platão já chamava a oligarquia (domínio de um determinado grupo), e o interessante conceito aristotélico de crematística.¹⁶ Para o filósofo de Estagira, o homem em sua *oikos* (palavra grega que significa lar), não poderia possuir um número ilimitado e desordenado de bens, pois isto iria influenciar negativamente na comunidade política, visto que afetaria no todo. Portanto, na filosofia antiga não bastava o interesse de um, ou de alguns; era essencial que este interesse econômico se adequasse à necessidade do bem social.

Um último ponto importante de ser ressaltado deste contexto antigo, é que ética, política, moral e economia não caminhavam separadas, mas eram totalmente unidas uma à outra. Por isso uma má administração econômica, era também um problema moral, ético e político. Da mesma forma a imposição de uma ideologia política também envolveria uma avaliação de todos estes campos. Tal olhar voltado para o *telós* comum da comunidade política, não foi perdida na história da filosofia.

Mesmo na modernidade em que algumas filosofias políticas desvencilharam-se do campo ético-moral, como na filosofia de Maquiavel, isto é justificado apenas pelo bem comum. Segundo o filósofo moderno, o príncipe para manter o Estado e, portanto, o bem do todo, pode utilizar-se de qualquer meio inclusive operar contra a moral.¹⁷ É um grande fato que este pensamento

¹⁵ ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. – Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 22.

¹⁶ REALE, Giovanni. **Aristóteles**. História da Filosofia Grega e Romana Vol IV. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 129

¹⁷ MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Hingo Weber – 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 79.

traz também várias problemáticas a serem debatidas, porém, pode-se assegurar que mesmo Maquiavel não deixou de importar-se com o Bem do Estado que aqui ainda tinha o mesmo sentido de um bem comum.

O filósofo alemão Hegel também dá grande contribuição a esta linha de pensamento, quando coloca a passagem da moralidade para a eticidade; do *sujeito* para a *pessoa*. “Se no direito abstrato o indivíduo é pessoa, na moralidade é ‘sujeito, vontade refletida em si’ (§ 503), ou seja, vontade consciente, que aceita a lei só enquanto a reconhece como coisa sua.”¹⁸ Para a realização plena da liberdade do indivíduo, ele precisa sair de uma moral individual, para vida em comunidade que no filósofo, é dividida em três momentos: a família, a sociedade civil e o Estado. Em outras palavras, a política hegeliana não diz respeito aos interesses de um indivíduo ou de uma parcela da sociedade, mas sim do Bem Comum.

Na contemporaneidade, várias correntes retomam a reflexão antropológica com o seu valor (no caso do personalismo, humanismo e existencialismo), passando a refletirem o homem e a sua capacidade de alteridade. Isto torna ainda mais notório a percepção de que o homem não está sozinho no mundo, e, portanto, precisa olhar o outro e para o todo em vista do bem social.

Para o filósofo político americano, John Rawls, por exemplo, o *justo* precisa ser colocado acima do *bem*, principalmente porque segundo ele, o conceito deturpado de bem dos tempos hodiernos é puramente voltado a determinados interesses. Por isso, em sua filosofia contratualista (que é diferente dos contratualistas clássicos) apenas “uma teoria da justiça conseguirá apresentar princípios que possam ser compartilhados pelos cidadãos como um fundamento comum de acordo político à medida que conseguir alcançar um ponto de equilíbrio entre as exigências de universalidade.”¹⁹ Mesmo com uma filosofia liberal, Rawls propõe um pensamento político que também possui uma abertura a um olhar para o todo da sociedade, mas conservando os seus ideais liberais.

¹⁸ ROVIGUI, Sofia Vanni. **História da Filosofia Moderna**: da revolução científica a Hegel. Tradução: Marcos Bagno e Silvana Cobucci Leitte. São Paulo: Edições Loyola. 1999. p. 744-745.

¹⁹ RAMOS, Flamarion Caldeira.; MELO, Rúriom.; FRATESCHI, Yara. **Manual de filosofia política**: para os cursos de Teoria do Estado & Ciência política, filosofia e ciências sociais. São Paulo: Saraiva 2012. p. 248.

Em resumo, segundo a história da filosofia política, o verdadeiro politicamente correto se trata de uma política atenta à necessidade do indivíduo com a manutenção dos seus direitos, tendo como finalidade o bem comum de forma justa e ética. Não se pode adequar um conceito rico e amplo de forma rigorosa-teórica a uma ideologia que prega apenas um determinado interesse político e partidário que ainda no fundo está longe de lutar por um real conceito de liberdade.

Considerações finais

Diante da grande crise de valores e sentido em que a sociedade contemporânea vive em todos os âmbitos, e conseqüentemente também no político, a ideologia seja do “politicamente correto” ou do “politicamente incorreto” tentam de várias formas firmar-se. No primeiro termo, vemos uma minoria que não quer apenas conquistar direitos, mas também impor a sua mentalidade tomando o centro do mundo, desejando inclusive submeter às leis ao seu modo de pensar. É evidente que esta forma de pensamento é totalmente inviável de ser enquadrada no plano verdadeiramente moral-politicamente correto que foi apresentado no trabalho ferindo o princípio de liberdade enquadrado no Bem Comum. Vive-se um tempo em que tal ideologia de esquerda tenta ser a “medida de todas as coisas” e pode fazer tudo em todos os âmbitos perdendo o real sentido de liberdade.

Se por exemplo um determinado grupo zombar da religião e vestir-se de Jesus Cristo, fazendo o que bem quiser com um crucifixo, é pregado que isto é “liberdade de expressão”. Ao mesmo tempo, se este mesmo grupo receber qualquer ofensiva, por mínima que seja, já se trata de um preconceito que precisa ser denunciado.

Da mesma forma o “politicamente incorreto” denominando a outra vertente de “coitadismo”, tenta impor uma ideologia que sem olhar o valor do homem, acredita que também pode fazer e dizer o que quer com todas as raças e sexos, onde se houver qualquer reação por conta de “feridas” delicadas que foram tidas na história de vida da pessoa, ela é uma pessoa desprezível e covarde, o que também deturpa o conceito de liberdade e dignidade do homem.

Uma sociedade onde é possível de fato viver, o verdadeiro filosófico-politicamente correto explanado no trabalho, precisa olhar para o bem comum (que obviamente também não deixa de olhar o bem de cada indivíduo). Uma liberdade individualista que fere a liberdade do outro e não respeita o seu valor e o seu lugar no mundo, não pode ser uma liberdade ética. A separação moderna de política e ética se trata de uma ilusão, pois a política é essencialmente para o homem, (apesar de na prática isto ainda não ocorrer).

Segundo outro filósofo político Michael Sandel, o homem é um ser radicalmente situado no mundo²⁰ e, portanto, não existe fora de seu contexto social, e isto também demonstra grande riqueza para a pessoa. A cultura, a religião e tudo o mais que está ligado ao indivíduo não são fraquezas, mas valores. Indo além, Puntel apresentando o homem como um ser espiritual, o coloca como alguém que não está apenas situado, mas também é capaz de *situar-se no mundo*; o que implica também que pode de forma efetiva, ir além dos padrões taxados de “politicamente correto” mas que na verdade não correspondem ao seu sentido verdadeiro apresentado.

É preciso deixar que a teoria torne-se prática não somente porque ela é “bela” ou um “ideal”, mas porque enquanto isto não acontecer, a corrupção irá continuar e o homem irá continuar a digladiar-se por causa de seus próprios interesses individualistas.

Em outras palavras, é preciso retornar ao sentido autêntico e literal do termo politicamente correto que foi perdido no século XX, e tão deturpado na sociedade contemporânea pelas vertentes extremistas que tentam afirmar-se na conjuntura atual, mas que no fundo, não poderão levar a sociedade a lugar algum, apenas à sua mais crescente ruína.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. Parte I – Questão 16. Trad. de Aimom-Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2002. vol II.

²⁰ *Ibidem*. p. 242.

ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. – Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 346 p.

ARISTÓTELES, **Metafísica** A 2, 983 a 10s. Editora Edipro, 2012. 368 p.

BANDEIRA, Luiza. **De onde vem o ‘politicamente correto’ e como o termo assume diferentes conotações**, 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/14/De-onde-vem-o-%E2%80%98politicamente-correto%E2%80%99-e-como-o-termo-assume-diferentes-conota%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 12/04/2018.

DireitaRealista. **Luiz Felipe Pondé – Debate sobre O Politicamente Correto**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nnlgN148sFA>. Acesso em: 12/04/2018.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Hingo Weber – 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 119 p.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia politicamente incorreto da Filosofia**. São Paulo: Leya casa da palavra, 2012. 224 p.

PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**; tradução: Nélio Shneider – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. 712 p.

RAMOS, Flamarion Caldeira.; MELO, Rúrion.; FRATESCHI, Yara. **Manual de filosofia política**: para os cursos de Teoria do Estado & Ciência política, filosofia e ciências sociais. São Paulo: Saraiva 2012. 299 p.

REALE, Giovanni. **Aristóteles**. História da Filosofia Grega e Romana Vol IV. São Paulo: Edições Loyola, 1994. 195 p.

ROVIGUI, Sofia Vanni. **História da Filosofia Moderna**: da revolução científica a Hegel. Tradução: Marcos Bagno e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola. 1999. p. 744-745.